

*Natalia Czopek*

Universidade Jagellónica  
de Cracóvia

## O MIRANDÊS – UM ENCLAVE LINGUÍSTICO DE PORTUGAL

Na maior parte dos estudos dialectológicos que se debruçam sobre a Península Ibérica realça-se uma escassa diferenciação dialectal do território português causada pela inexistência de fronteiras dialectais abruptas. Os linguistas costumam afirmar que o português é uma língua bastante unificada em comparação, por exemplo, com o italiano cujos falantes provenientes do Norte e do Sul não se compreendem uns aos outros. Existem obviamente diferenças de pronúncia e de vocabulário que, no entanto, não impossibilitam a compreensão. Desta homogeneidade excluem-se, porém, algumas localidades do Nordeste português com uma realidade linguística extraordinária e muito interessante.

No presente trabalho enumeraremos alguns traços de uma das línguas que se falam nas referidas localidades, o mirandês. Estes traços vão ser descritos em comparação com o português já que o território onde se fala mirandês administrativamente pertence a Portugal. Referiremos também várias classificações e alguns estudos linguísticos que incluem esta língua. Para terminar, apresentaremos a sua situação presente que é excepcional em comparação com outros dialectos da Península. Parece-nos extremamente interessante que um sistema linguístico considerado como dialecto tenha sido reconhecido em 1999 como uma outra língua oficial de Portugal.

### ALGUNS ESTUDOS LINGUÍSTICOS SOBRE A LÍNGUA MIRANDESA

Os primeiros estudos sobre a dialectologia portuguesa foram realizados no século XIX. Em 1893 José Leite de Vasconcelos apresentou a sua *Carta dialectológica do Continente Português*<sup>1</sup> que é a mais antiga proposta de classificação dos dialectos portugueses continentais. A segunda publicação do mesmo mapa, em 1897, sob o título *Mapa Dialectológico do Continente Português* contém uma classificação sumária das línguas por A. R. Gonçalves Viana.

Em 1900 publicam-se dois volumes dos Estudos de Filologia Mirandesa. Um ano mais tarde, José Leite de Vasconcelos introduz algumas correcções à primeira obra, apresentando a sua tese de doutoramento *Esquisse d'une dialectologie portugaise* que inclui a segunda proposta de classificação dos dialectos portugueses. A terceira

---

<sup>1</sup> Lindley Cintra L.F., “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses” no *Boletim de Filologia*, XXIII, Lisboa 1971, p. 82. A publicação fez-se em Ferreira-Deusdado, *Corografia de Portugal*, 1.<sup>a</sup> edição, Guillard, Aillaud & C.<sup>a</sup>, Lisboa 1893.

descrição do sistema dialectológico português feita pelo mesmo autor foi publicada em 1929.<sup>2</sup>

Nas suas publicações J. Leite de Vasconcelos classifica o sistema linguístico português em três grupos muito gerais: *grupo primário*, *secundário* e *terciário* designados também como *dialectos*, *subdialectos* e *variedades*.<sup>3</sup> No entanto, o mirandês não aparece incluído em nenhum destes grupos. Na sua classificação, do mesmo modo que na classificação do galego, do riodonorês e do guadramilês, aplica-se o termo *co-dialecto*, ou seja, *idioma que, conquanto, pelos seus caracteres gramaticais se avizinha do português mais que outras quaisquer línguas românicas e lhe seja em parte ligado na obediência às mesmas leis especiais, não está contudo numa relação tão íntima com ele, considerado língua literária e nacional, como por exemplo os falares da Beira ou do Algarve*.<sup>4</sup> O conceito de *co-dialecto*, porém, considera-se na linguística moderna como antiquado e inaceitável. Além disso, os linguistas modernos criticam a falta de correspondência entre as áreas atribuídas ao mirandês nos mapas e as reais.

Outra classificação digna de ser mencionada é da autoria de Manuel de Paiva Boléo que, colaborando com a sua discípula Maria Helena dos Santos Silva, propôs um mapa dialectológico publicado no *Atlas de Portugal* de Amorim Girão em 1959 e, mais tarde, nas *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*.<sup>5</sup> O artigo do mesmo autor intitulado *Dialectologia e história da língua. Isoglossas portuguesas*<sup>6</sup> forneceu muitos dados úteis para as propostas posteriormente apresentadas.

Aqui, os *dialectos* de J. Leite de Vasconcelos aparecem designados como *falares* que *se caracterizam pelo reduzido afastamento entre si e em relação ao português padrão*. O mirandês, o riodonorês e o guadramilês, por sua vez, classificam-se como *dialectos*, isto é, *variedades locais não galego-portuguesas que pertencem ao domínio leonês, embora faladas em parcelas politicamente portuguesas desse domínio*.<sup>7</sup> Os traços dos falares não dificultam a sua compreensão enquanto os *dialectos se afastam algum tanto da língua comum*.

Vale a pena incluirmos ainda a classificação feita por Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz no capítulo *Estado actual del Portugués en la Península Ibérica* da *Gramática Portuguesa* publicada em 1961. As autoras incluem o mirandês, junto com o galego, o falar de Ermisende, o riodonorês, o guadramilês, o sendinês, o falar de Alamedilha, os falares de S. Martín de Trevejo, Eljas e Valverde del Fresno, o falar de Olivença e o falar de Barrancos, no grupo de *lenguajes fronterizos*.<sup>8</sup> Como se pode supor, este grupo abrange sistemas linguísticos pertencentes ao domínio galego-

<sup>2</sup> A descrição referida publicou-se no IV volume dos *Opúsculos* em Coimbra.

<sup>3</sup> J. Leite de Vasconcelos citado por Lindley Cintra L.F., 1971: 85–87.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 86.

<sup>5</sup> Alguns dos mapas eram reprodução melhorada na apresentação dos mapas de J. Leite de Vasconcelos.

<sup>6</sup> O dito artigo publicou-se no XII volume do *Boletim de Filologia* em 1951.

<sup>7</sup> Paiva Boléo M. de, Santos Silva M.H., “O Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental” em Castro I. (selecção), *Curso de História da Língua Portuguesa. Leituras Complementares*, Universidade Aberta, Lisboa 1991, pp. 43–70.

<sup>8</sup> Lindley Cintra L.F., 1971: 87–89.

português e leonês e assemelha-se muito ao conjunto dos *co-dialectos* descritos por J. Leite de Vasconcelos.

Em 1964 publicam-se os *Estudos Linguísticos* de J.G. Herculano de Carvalho que classifica o mirandês, seguindo a definição dos próprios falantes, como *língua caçurra* – inculta, grosseira que não dispõe de documentos escritos<sup>9</sup> e é utilizada quase unicamente por lavradores e pastores analfabetos.<sup>10</sup> O Autor afirma que as inovações se introduzem aqui com dificuldade por causa do isolamento linguístico a que é sujeito o dialecto mirandês, realçando a posição subsidiária deste, em vários domínios, em relação ao português ou, em menor escala, ao castelhano.<sup>11</sup> Enumera também vários exemplos de palavras portuguesas e castelhanas assimiladas ao léxico mirandês.

Além disso, no estudo intitulado *Porque se fala dialecto leonês em terra de Miranda*<sup>12</sup> analisa as possíveis causas da formação e da conservação do mirandês no território actual. Aqui, destacam-se o suposto domínio da Sé de Astorga, a intensa colonização leonesa realizada desde o século XIII até ao século XV, o isolamento da região em relação ao resto do país e os contactos com as terras do reino de Leão.

De tamanha importância são as investigações realizadas por L. F. Lindley Cintra cujos resultados se publicaram por exemplo nos *Anais do I Congresso Brasileiro de Língua Falada*<sup>13</sup> ou nos *Estudos de Dialectologia Portuguesa* (1983). O Autor, tal como R. Menéndez Pidal frequentemente por ele citado, classifica o mirandês como um *subdialecto do domínio leonês*.<sup>14</sup> A sua definição do *dialecto* coincide com a definição proposta por J. Mattoso Câmara Jr. que descreve o mirandês como *uma língua distinta que se caracteriza por traços fonológicos e morfológicos fundamentais próprios, como evolução de um enclave do romanche leonês em Portugal*.<sup>15</sup>

<sup>9</sup> Os primeiros vestígios dos vocábulos escritos provenientes do mirandês encontram-se nos trabalhos de J. Leite de Vasconcelos.

<sup>10</sup> Herculano de Carvalho J.G., “Elementos estranhos no vocabulário mirandês” em *Estudos Linguísticos*, vol. 1, Editorial Verbo, Lisboa 1964, pp. 61–72.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 63: *o mirandês torna-se um idioma subsidiário quer do português, quer (em muito menor medida) do castelhano, em todos os domínios semânticos relativos à vida espiritual [...], social, administrativa. O homem de Miranda não só reza em português, mas é nesta língua que ouve e se entende com o pároco, o professor, as autoridades administrativas e judiciais, quer em Miranda, quer em Vimioso, quer, mais raramente, em Bragança.*

<sup>12</sup> Herculano de Carvalho J.G., “*Porque se fala dialecto leonês em terra de Miranda*” em *Estudos Linguísticos*, vol. 1, Editorial Verbo, Lisboa 1964, pp. 41–60.

<sup>13</sup> O Congresso foi realizado em 1956. L.F. Lindley Cintra apresentou a comunicação intitulada na publicação *Alguns estudos de fonética com base no Atlas Linguístico da Península Ibérica*.

<sup>14</sup> *Cf. idem*, p. 497: *Ao longo da fronteira do Nordeste transmontano sobrevive um conjunto de dialectos do asturo-leonês, antiga língua do reino de Leão: no concelho de Bragança o Rionorês e o Guadramilês, falados respectivamente em Rio de Onor e Guadramil; e no concelho de Miranda do Douro, o Mirandês [...].*

<sup>15</sup> *Cf. Lindley Cintra L.F., 1971: 91. Ver também Lindley Cintra L.F. 1983: 482–483, onde se constata que diferenças de valor estritamente linguístico entre língua e dialecto não existem. Existem, sim, diferenças de estatuto: o dialecto é sempre uma variedade de um determinado sistema linguístico reconhecido oficialmente como Língua. Geralmente considera-se dialecto de uma língua a variedade linguística que caracteriza uma determinada zona. [...] Alguns dialectólogos distinguem entre variedades linguísticas mais distanciadas uma das outras ou da língua padrão – a que chamam dialectos – e variedades que apresentam menor grau de afastamento – a que chamam*

L.F. Lindley Cintra classifica o mirandês com as suas três variedades (setentrional – raiano, central, meridional – sendinês) como *a única minoria linguística de raiz histórica existente no território português*.

Dos estudos mais recentes queremos destacar os realizados por Manuela de Barros Ferreira que no seu trabalho *A situação da língua mirandesa e o problema da delimitação histórica dos dialectos asturo-leoneses em Portugal*<sup>16</sup> analisa muito pormenorizadamente o sistema linguístico mirandês classificado do ponto de vista histórico como um dialecto de um romance asturo-leonês falado no reino de Leão no século XII.<sup>17</sup> No artigo *O mirandês no Ano Europeu das Línguas*<sup>18</sup>, por sua vez, estabelece uma distinção semântica, política e social entre as noções de *língua* e de *dialecto*, realçando, ao mesmo tempo, a importância das línguas minoritárias na Europa de hoje.

### O MIRANDÊS VS. O PORTUGUÊS – COMPARAÇÃO DOS TRAÇOS LINGUÍSTICOS

O mirandês, como já foi referido, pertence ao domínio linguístico asturo-leonês, sendo utilizado como língua oficial na Terra de Miranda (concelho de Miranda do Douro, concelho de Vimioso, algumas aldeias dos concelhos de Mogadouro, Macedo de Cavaleiros, Bragança).<sup>19</sup> A sua presença no sistema linguístico de Portugal deve-se ao relativo isolamento dos principais núcleos urbanos portugueses, às primeiras divisões administrativas da Península feitas pelos romanos, ao facto de pertencer durante muitos séculos às dioceses leonesas e à sua repovoação com gente de origem leonesa. No entanto, numa certa altura, nomeadamente no século XVI, sofreu grande influência do português, chegando até a ser substituído por este na cidade de Miranda.

---

*falares*. Na escola iniciada pelo Autor o termo *dialecto* faz referência a uma zona enquanto o termo *falar* a uma localidade e, por conseguinte, equivale a *locolecto*.

<sup>16</sup> Em *Revista de Filología Románica*, Vol. 18 (2001), Universidad Complutense de Madrid, pp. 117–136.

<sup>17</sup> Em *Actas do Colóquio “Mais Línguas, mais Europa: celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa”*, Colibri, Lisboa 2001, pp. 35–41: *Desse romance restam apenas, em Portugal, os resultados da sua evolução em terras de Miranda e noutras aldeias do distrito de Bragança assim como vestígios dispersos, sobretudo no vocabulário e toponímia do nordeste português. Na Espanha restam, no principado das Astúrias, o asturiano [...] e alguns vestígios na antiga zona de ocupação do asturo-leonês. Porém este asturo-leonês [...] não sobreviveu à sua função dialectal [...] e deu lugar ao castelhano. Hoje, o mirandês, isolado do grupo a que pertencia, é já muito diferente do asturiano, só existe em Portugal e a sua configuração não permite que seja considerado um dialecto do português.*

<sup>18</sup> *Idem*, p. 35: *A distinção entre as noções de língua e de dialecto é uma distinção semântica (qualquer língua pode abranger vários dialectos; um dialecto não pode conter línguas), de estatuto sócio-político (reconhecimento oficial + normatização vs. não-reconhecimento + ausência de normatização), de função social (uso em qualquer situação vs. uso evitado em situações formais), e de estrutura interna (a gramática de cada dialecto apresenta algumas diferenças periféricas relativamente ao sistema de que faz parte).*

<sup>19</sup> Antigamente o território do domínio mirandês era muito mais vasto abrangendo a aldeia de Caçarelhos, as aldeias de Avelanoso, São Joanico, Vila Chã da Ribeira, Serapicos, Campo de Víboras e ainda Urrós e Bemposta no concelho de Mogadouro.

Por razões geográficas e administrativas, decidimos contrastar os seus traços com os da língua portuguesa. O nosso *corpus* é constituído apenas por dois textos nos quais, no entanto, encontrámos exemplos que ilustram todos os traços mais significativos da língua mirandesa. Opinamos que o presente estudo pode ser aproveitado como auxiliar numa investigação mais pormenorizada deste sistema linguístico tão excepcional.

Para começar a nossa análise, vejamos os seguintes textos:

#### TEXTO 1

Em mirandês<sup>20</sup>

*L mirandês ye ua lhéngua falada ne l stremo nordeste de Pertual, na frunteira cun Spanha, nua region que ten al redor de 450 (quatro cientos i cinquenta) km<sup>2</sup>, formada por quaije to l cunceilho de Miranda de l Douro, i por alguas aldés de l cunceilho de Bomioso, ne l ctrito de Bregança, region de Trás-ls-Montes. Stima-se que haba acerca 15.000.*

Em português

*O mirandês é uma língua falada no extremo nordeste do Portugal, na fronteira com a Espanha, nuna região que tem arredor de 450 km<sup>2</sup>, formada por quase tudo o concelho de Miranda do Douro, mais algumas aldeias do concelho de Boimoso, no distrito de Bragança, região de Tras-os-Montes. Estima-se que há perto de 15.000 falantes.*

Em castelhano

*El mirandés es una lengua hablada en el extremo noreste de Portugal, en la frontera con España, en una región que tiene alrededor de 450 km<sup>2</sup>, formada por casi todo el concejo de Miranda do Douro, y por algunas aldeas del concejo de Bomioso, en el distrito de Braganza, región de Tras-os-montes. Se estima que hay en torno a los 15.000 hablantes.*

#### TEXTO 2

*L gabilan<sup>21</sup> (fragmento)*

*Fui nun die de Primavera que l gabilan saliu la purmeira bec de l niu. Para quien naciu para bolar, aqueles dies metido an ne meio duns palhaços, sien poder salir habien sido mais que un enfierno. Ua penitência yá a çuntar puls pecados feturos! Quando l uobo se cobrou i la boca se anchiu d'aire fui cumo se Dios houbisse de nuobo criado l mundo. Fága-se lhuç!*

*I la lhuç fizo-se. L die era tan claro tan claro que la tierra relhuzie até l anfenito. Anchui-se-le l peito d'aire i de sol. Buiu toda aqueilha lhuç i, nun calafriu, todo l cuorpo se le einundou de bida nuoba. Bolar!*

*I apuis inda hai quien fale de miedo! De l tafe-tafe de bolar i de andar solo pul mundo... Mas qual miedo?! Un home solo ten miedo se pensar que l miedo quier algo cun el. I cun essa giente l gabilan nun querie cumbersa. Querie era bolar, querie bida, aire, tierra, lhiberdade...*

*Saliu inda meio dorido de la eiternidade daqueilha prison. Ampeçou a poner-se de pie cumo quien tenteia para ber se las piernas aguántan. Mas nun yê que eilhas nun se tenien! Mas quei se passa?! I las alas?! Nada. Inda imprumas, cun uns pelicos brabos i pouco mais. Cuidou que morrie. Berreiro nun hoube que nun era home para choradeiras, mas quando mos deixan assi solos an ne mundo!!! Ah mai ah mai que you nun puedo bolar!*

*Tu nun bés, filho de l alma, que inda nun chegou la tue hora. Cada cousa chega an ne sou tiempo. Las mais ténen destas cousas!*

<sup>20</sup> Quarteu R., Frías Conde X., *L mirandês: ùa lhéngua minoritaira an pertual* em:

www.romaniaminor.net /ianua/Ianua02/02Ianua04.pdf

<sup>21</sup> Bárbo Alves A., *Cuntas de la Tierra de las Faias*, Campo das Letras, Porto 2000 em [www.mirandes.no.sapo.pt/BLProsa.html](http://www.mirandes.no.sapo.pt/BLProsa.html)

*I alhá tubo que l splícicar que inda faltában uns dies até que aqueilhes pêlos caíssen i las prumas berdadeiras aparecíssen.*

*Passa ua criatura mais tiempo do que la lhuna para anchir drento de un uobo i an ne fin, bai-se a ber, i inda nun puode bolar! Botou la cabeça de fuora i nun fusse la mai cun mais un ralhete habie-se atirado. L carrasquito onde tenie la casa nun era mui alto, mas pa la giente cobrar un bun par de costielhas chegaba i sobrava. Yê que nien un cachico l podie deixar solo. I el era cada sermoneta! Tu nun serás giente cumo la outra?! Capaç de parar queto por un cachico que seia?!*

*Nada. Nun habie maneira. Bulta para un lhado, bulta para outro, mira deiqui, mira dalhi, siempre a querer atirar-se puorta fuora. Cada beç que chegaba l çubiaco era un martírio. Un home na prison nien las tripas le púxan! Que la casa, indas que pequeinha, aquilho era un asseio que nien an casa de la senhora professora. Mais relhuziente do que l lhabadeiro de la ribeira. Mas nun era por isso. Yê que las tripas alhi angroladas quei, nun dában cuenta de l recado.*

*Ou fusse por isso ou por causa dun sartigalho mais tienro que houbisse comido, apanhou ua çfuirá que cuidou que nun scapaba. Aquilho parecia nubrada a caer de l cielo! I apuis el éran uas cólicas, uas dores de barriga!...*

*Nó, aquilho nun era bida para un gabilan! Quaije deixou de comer. Mas uns dies a auga i malzinas i l ctempero fui passando.*

*Ua semana! Siete dies yá lhebaba alhi metido. Mirába-se. L pelo ampeçaba a caer i uas prumicas azuladas aparecien a miedo. [...]*

Comecemos pelos traços presentes nos dois textos que assemelham a língua mirandesa ao português:

– Existência de f- inicial. O f- inicial latino, substituído no castelhano pelo h- mudo, manteve-se no português e também no mirandês, o que provam os exemplos: *falada* (mir., port.) / *hablada* (cast.); *fága-se* (mir.), *faça-se* (port.) / *hágase* (cast.); *fizo-se* (mir.), *fez-se* (port.) / *se hizo* (cast.); *filho* (mir., port.) / *hijo* (cast.), etc.

– Existência de ch- inicial. Os grupos consonânticos latinos *cl-*, *pl-* e *fl-* originaram a africada surda *ch-* no mirandês e no português e o *ll-* no castelhano: *choradeira* (mir., port.) / *llantera* (cast.); *chegou* (mir., port.) / *llegó* (cast.), etc.

– Ditongização das vogais tónicas. Este processo concerne sobretudo às vogais *e* e *o*: *purmeira* (mir.), *primeira* (port.) / *primera* (cast.); *berdadeiras* (mir.), *verdadeiras* (port.) / *verdaderas* (cast.); *outro* (mir., port.) / *otro* (cast.), etc.

– Na sílaba tónica, a consoante palatal sonora lh é muitas vezes precedida de uma semi-vogal: *cunceilho* (mir.), *concelho* (port.) / *concejo* (cast.), etc.

– O mesmo acontece no caso da consoante j: *quaije* (mir.) / *quase* (port.), *casi* (cast.), etc.

– Terminação -dade de alguns substantivos femininos: *lhiberdade* (mir.), *liberdade* (port.) / *libertad* (cast.); *eiternidade* (mir.), *eternidade* (port.) / *eternidad* (cast.), etc.

– Sistema de quatro sibilantes pronunciadas como no português do norte: *beç* (mir.), *vez* (port.) / *vez* (cast.); *dies* (mir.), *dias* (port.) / *días* (cast.); *passa* (mir., port.) / *pasa* (cast.); *casa* (mir., port.) / *casa* (cast.); *relhuziente* (mir.), *reluzente* (port.) / *reluciente* (cast.), etc.

– Terminações pronunciadas de modo semelhante aos ditongos nasais portugueses (ortografia castelhana): *region* (mir.), *região* (port.) / *región* (cast.); *gabilan* (mir.), *gavião* (port.) / *gavilán* (cast.); *prison* (mir.), *prisão* (port.) / *prisión* (cast.), etc.

– Contracção preposição + artigo que, no entanto, não inclui todos os casos: *na frunteira* (mir.), *na fronteira* (port.) / *en la frontera* (cast.); *nua region* (mir.), *numa região* (port.) / *en una región* (cast.); *nun die* (mir.), *num dia* (port.) / *en un día* (cast.); *duns palhaços* (mir., port.) / *de unos payasos* (cast.); *puls pecados* (mir.), *pelos pecados* (port.) / *por los pecados* (cast.) *mas de l recado* (mir.) / *do recado* (port.), *del recado* (cast.); *de la ribeira* (mir.), *de la ribera* (cast.) / *da ribeira* (port.); *ne l çrito* (mir.), *en el distrito* (cast.) / *no distrito* (port.), etc.

– Ênclise dos pronomes: *stima-se* (mir.), *estima-se* (port.) / *se estima* (cast.); *I la lhuç fizo-se* (mir.), *E a luz fez-se* (port.) / *Y la luz se hizo* (cast.); *anchiu-se-le l peito* (mir.), *encheu-se-lhe o peito* (port.) / *se le llenó el pecho* (cast.); *mirába-se* (mir.), *olhava-se* (port.) / *se miraba* (cast.), etc.

– O sistema verbal: existência do infinitivo pessoal *pa la gente cobrar* (mir.), *para a gente cobrar* (port.) / *para que la gente cobre* (cast.); uso das formas do conjuntivo *hai quien fale* (mir.), *há quem fale* (port.) / *hay quien habla* (cast.); *Un home solo ten miedo se pensar que l miedo quier algo cun el* (mir.), *Um homem só tem medo se pensar que o medo quer algo com ele* (port.) / *Un hombre solo tiene miedo si piensa que el miedo quiere algo con el* (cast.), etc.

– Exemplos do léxico: *inda* (mir.), *ainda* (port.) / *todavía* (cast.); *mai* (mir.), *mãe* (port.) / *madre* (cast.), etc.

Observemos os seguintes traços que diferenciam o mirandês do português:

– Substituição do v pelo b. Este traço relaciona-se directamente com a pronúncia castelhana da consoante *v* como [b]: *houbisse criado* (mir.), *hubiese creado* (cast.) / *houvesse criado* (port.); *bida* (mir.), *vida* (cast.) / *vida* (port.); *ber* (mir.), *ver* (cast.) / *ver* (port.); *hoube* (mir.), *hubo* (cast.) / *houve* (port.), etc.

– Existência dos ditongos crescentes ie e uo: *tierra* (mir., cast.) / *terra* (port.); *miedo* (mir., cast.) / *medo* (port.); *cuorpo* (mir.), *cuervo* (cast.) / *corpo* (port.); *puode* (mir.), *puede* (cast.) / *pode* (port.); *fuora* (mir.), *fuera* (cast.) / *fora* (port.), etc.

– As consoantes latinas -n- e -l- mantêm-se na posição intervocálica, o que caracteriza também o castelhano: *lhuna* (mir.), *luna* (cast.) / *lua* (port.); *saliu* (mir.), *salió* (cast.) / *saiu* (port.); *bolar* (mir.), *volar* (cast.) / *voar* (port.); *solo* (mir.), *solo* (cast.) / *só* (port.), etc. No entanto, esta regra não inclui todos os casos, como em *dores* (mir., port.) / *dolores* (cast.).

– Num dos exemplos acima citados observamos a palatalização da consoante latina l- inicial, fenómeno que não aparece nem no português nem no castelhano: *lhéngua* (mir.) / *língua* (port.), *lengua* (cast.); *lhuç* (mir.) / *luz* (port., cast.); *lhado* (mir.) / *lado* (port., cast.), etc.

– Ausência do e- protético ou inicial, o que também diferencia o mirandês do castelhano mas não funciona como regra geral: *Spanha* (mir.) / *Espanha* (port.), *España* (cast.); *stremo* (mir.) / *extremo* (port., cast.); *stima-se* (mir.) / *estima-se* (port.), *se estima* (cast.); *splicar* (mir.) / *explicar* (port., cast.), etc. Em muitos casos, o *e* em posição inicial aparece ditongado, como em *einfierno* (mir.) / *inferno* (port.), *infierno* (cast.); *eilhas* (mir.) / *elas* (port.), *ellas* (cast.), etc.

– O último exemplo acima citado mostra também o processo de palatalização de -ll- latino.

- Des- no início de palavra reduz-se a z- ou ç-: *çtrito* (mir.) / *distrito* (port., cast.); *çtempero* (mir.) / *destempero* (port.), *desabor* (cast.), etc.
- Artigo definido masculino l: *l mirandês* (mir.) / *o mirandês* (port.), *el mirandés* (cast.); *l die* (mir.) / *o dia* (port.), *el día* (cast.); *l cielo* (mir.) / *o céu* (port.), *el cielo* (cast.), etc. No plural, o artigo definido masculino tem a forma *ls* enquanto as formas femininas são iguais às castelhanas: *la boca* (mir., cast.) / *a boca* (port.); *la senhora* (mir.) / *a senhora* (port.), *la señora* (cast.); *las piernas* (mir., cast.) / *as pernas* (port.); *las alas* (mir., cast.) / *as asas* (port.); *las prumas* (mir.) / *as penas* (port.), *las plumas* (cast.); *las tripas* (mir., cast.) / *as tripas* (port.), etc.
- Sistema dos pronomes pessoais e possessivos: o pronome pessoal *you* - *you nun puodo bolar* (mir.) / *eu não posso vojar* (port.), *yo no puedo volar* (cast.); *sou tiempo* (mir.) / *o seu tempo* (port.), *su tiempo* (cast.), etc. Alguns pronomes funcionam, do mesmo modo que em português, com artigos definidos como em *la tue hora* (mir.) / *a tua hora* (port.), *tu hora* (cast.), etc.
- Advérbios e locuções de lugar: *alhá* (mir.) / *ali, naquele momento* (port.), *allá, entonces* (cast.), etc.
- Existência da consoante nasal -m- em certas posições e a sua ausência em outras: *ua criatura* (mir.) / *uma criatura* (port.), *una criatura* (cast.); *nua region* (mir.) / *numa região* (port.), *en una región* (cast.); *uas dores* (mir.) / *umas dores* (port.), *unos dolores* (cast.) mas *cumbera* (mir.) / *conversa* (port., cast.), etc.
- Utilização da perífrase verbal *ir a* + infinitivo que faz referência ao sistema perifrástico castelhano: *bai-se a ber* (mir.), *se va a ver* (cast.) / *vai-se ver* (port.), etc.
- Terminações da 3.<sup>a</sup> p. do sing. do pretérito perfeito simples: nalguns casos iguais às portuguesas *saliu* (mir.), *saiu* (port.) / *salió* (cast.); *chegou* (mir., cast.) / *llegó* (cast.), noutros assemelham-se às castelhanas *fizo-se* (mir.), *se hizo* (cast.) / *fez-se* (port.), etc.
- Diminutivos em -ico: *prumicas* (mir.) / *peninhas* (port.) / *plumitas* (cast.), etc.

A lista dos traços da língua mirandesa que acabámos de expor, obviamente, não está completa. Decidimos limitá-la apenas aos exemplos que se podem observar nos dois textos acima citados, pois consideramos serem suficientes para provar a relativa independência do mirandês em relação ao português e comparativamente aos dialectos deste. Assim, os traços fonológicos, ortográficos, morfológicos, sintácticos, etc. do mirandês justificam o estatuto de língua oficial minoritária que se lhe concedeu há dez anos.

#### A SITUAÇÃO ACTUAL DO MIRANDÊS

Cada sistema linguístico evolui continuamente, podendo sofrer mudanças quanto ao seu estatuto social. Assim, as suas variedades, por razões políticas, históricas, sociais, etc., podem adquirir maior distinção e, por conseguinte, o estatuto de língua oficial.<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Cf. Lindley Cintra L.F., 1983: 482–483: [...] *nem sempre é fácil estabelecer fronteiras entre estas duas realidades, porque, com o passar dos anos, aquilo que era um dialecto pode tornar-se de tal modo preponderante em relação aos dialectos seus vizinhos que passa a funcionar como língua de referência* [...]. *Do mesmo modo, aquilo que era inicialmente uma só língua, embora sempre com*



É de realçar a situação de diglossia e bilinguismo dos falantes nativos do mirandês. O português tem aqui um estatuto formal o que confirmam as palavras de uma mirandesa citadas por L.F. Lindley Cintra: *Mas por causa disso, que you sei que [...] nun queda bien ...por exemplo, you adonde bou yê Miranda [...] you estou co senhor presidente, you estou co a senhora professora, you falo lo mais fidalgo que pudo, nun yê berdade? You nun bou falar como you, com'eiqui falo [...] porq'you acho pra mim qu'aquillo queda mal.*<sup>23</sup> No entanto, actualmente a posição do mirandês é muito mais forte. Sendo língua oficial, utiliza-se, ao lado do português, na maior parte das situações formais, fazendo parte da vida cultural da sua região.

O dia 29 de Janeiro de 2009 é muito importante para a cultura mirandesa, pois é o décimo aniversário do reconhecimento do mirandês como língua oficial minoritária. Um dos argumentos a favor deste reconhecimento, como já mencionámos, foi o facto de o mirandês ter revelado suficientes traços que o diferenciassem tanto do português e do castelhano, como do asturiano e do leonês para ser normalizado usando as próprias normativas gramaticais.<sup>24</sup> Além disso, estabeleceu-se uma convenção ortográfica que introduziu regras unitárias para ler, escrever e ensinar o mirandês. Para fortalecer a sua posição, foi criado o Anstituto de la Lhéngua Mirandesa, publicam-se livros sobre e em mirandês, organizam-se concursos e festivais, traduzem-se todas as placas toponímicas e realizam-se investigações linguísticas que divulgam e promovem o seu uso, pois sendo uma língua minoritária, o mirandês não é capaz de fugir à ameaça de ser dominado pelo português ou pelo castelhano. Todas estas precauções têm como objectivo impedir que mais uma língua minoritária se perca sem deixar de si traços na memória colectiva da sociedade da Península Ibérica.

## BIBLIOGRAFIA

- BARROS FERREIRA M. de (2001a): “A situação da língua mirandesa e o problema da delimitação histórica dos dialectos asturo-leoneses em Portugal” em *Revista de Filología Románica*, vol. 18, Universidad Complutense de Madrid.
- BARROS FERREIRA M. de (2001b): “O mirandês no Ano Europeu das Línguas” em *Actas do Colóquio “Mais Línguas, mais Europa: celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa”*, Colibri, Lisboa.

---

*variações de alguma ordem, pode, por razões históricas e geográficas, por condições melhores ou piores de comunicação, fragmentar-se em variedades que passam a evoluir separadamente – tornando-se por sua vez dialectos ou línguas, conforme as circunstâncias. [...] Nada, de um ponto de vista estritamente linguístico, leva a que uma determinada variedade seja preferida como norma de uma língua. Só factores extralinguísticos influem nessa escolha.*

<sup>23</sup> *Idem*, p. 497.

<sup>24</sup> Cf. Barros Ferreira M. de, 2001b: 37–38: A Autora compara a situação do mirandês com a situação dos dialectos castro-laborense e barranquenho, chegando à conclusão que *a estrutura dessas variedades não é porém tão independente em relação ao português das regiões respectivas que justifique a adopção de uma norma escrita diferente*. O mirandês, segundo M. de Barros Ferreira, *encaixa perfeitamente na definição de “língua minoritária” [...] que é, resumidamente, língua tradicional diferente da língua de estado, falada numa parte do seu território por um número de pessoas que justifique a adopção de medidas para a sua protecção e promoção*. A mudança do estatuto foi, no caso do mirandês, a melhor maneira de salvar uma língua em perigo de extinção.

- HERCULADO DE CARVALHO J.G. (1964a): "Elementos estranhos no vocabulário mirandês" em *Estudos Linguísticos*, vol. 1, Editorial Verbo, Lisboa.
- HERCULADO DE CARVALHO J.G. (1964b): "Porque se fala dialecto leonês em terra de Miranda" em *Estudos Linguísticos*, vol. 1, Editorial Verbo, Lisboa.
- LINDLEY CINTRA L.F. (1971): "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses" em *Boletim de Filologia*, Lisboa.
- LINDLEY CINTRA L.F. (1983): *Estudos de dialectologia portuguesa*, Sá da Costa Editora, Lisboa.
- PAIVA BOLÉO M. de, SANTOS SILVA M.H. (1991): "O Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental" em Castro I. (selecção), *Curso de História da Língua Portuguesa. Leituras Complementares*, Universidade Aberta, Lisboa.

#### FONTES DOS EXEMPLOS CITADOS

- BÁRBOLO ALVES A.: *Cuntas de la Tierra de las Faias*, Campo das Letras, Porto, 2000 em:  
[www.mirandes.no.sapo.pt/BLProsa.html](http://www.mirandes.no.sapo.pt/BLProsa.html)
- QUARTEU R., FRÍAS CONDE X.: *L mirandés: ùa lhéngua minoritaira an pertual* em:  
[www.romaniaminor.net /ianua/Ianua02/02Ianua04.pdf](http://www.romaniaminor.net /ianua/Ianua02/02Ianua04.pdf)

#### Summary

##### *The Mirandese language – a linguistic enclave of Portugal*

The present paper analyses a few of the characteristics of one of the minority languages of the Iberian Peninsula. From the linguistic, historic, social and political point of view the Mirandese language is remarkably interesting due to the fact that, belonging to the Astur – Leonese group of dialects, it attained the recognition of being another national language of Portugal. The first part of the paper enumerates various classifications and some of the linguistic research dedicated to Mirandese language. The following fragment compares the characteristics of the Mirandese language observed in the quoted texts to Portuguese and Castilian. Finally, the last part of the paper describes the present exceptional condition of the Mirandese language as compared to the other dialects spoken in the Peninsula.

#### Streszczenie

##### *Język mirandyjski – językowa enklawa Portugalii*

W niniejszym artykule przedstawiono cechy charakterystyczne jednego z języków mniejszościowych Półwyspu Iberyjskiego. Z językowego, historycznego, społecznego oraz politycznego punktu widzenia jęz. mirandyjski jest niezwykle interesujący, gdyż jako dialekt grupy asturyjsko-leońskiej otrzymał status języka oficjalnego Portugalii. W pierwszej części artykułu wymieniono różne klasyfikacje oraz badania językoznawcze poświęcone jęz. mirandyjskiemu. W kolejnej części zestawiono cechy charakterystyczne analizowanego języka zaobserwowane w cytowanych tekstach z portugalskim i kastylijskim. W ostatniej części artykułu opisano obecną sytuację jęz. mirandyjskiego, która jest wyjątkowa w porównaniu z innymi dialektami używanymi na Półwyspie.